

## BRAGA

### (São Paio de Merelim / Vila do Prado)

A ponte do Prado, alçada sobre o rio Cávado, situa-se no distrito de Braga, entre as freguesias de São Paio de Merelim, deste município, e a vila de Prado, do município de Vila Verde. Localiza-se a 8 km a norte da cidade de Braga, sendo acessível a partir desta pela estrada N101, que a cruza na direção de Ponte de Lima.

### *Ponte do Prado*

CONSTRUÍDA EM CANTARIA DE GRANITO, apresenta um traçado em ligeira curvatura, com tabuleiro em suave pendente sustentado por oito pegões e nove arcos desiguais. O arco central, o segundo e terceiro arcos a contar da margem esquerda e o terceiro arco a contar da margem direita são quebrados, os restantes de volta perfeita.

As faces da ponte a montante e a jusante mostram a utilização de aparelho de alvenaria do tipo pseudo-isódomo, ainda que em alguns pontos se verifique a utilização

de alvenaria irregular. As aduelas dos arcos são constituídas por silhares de fiadas esguias e compridas, e nos silhares dos paramentos e no intradorso dos arcos podem observar-se várias marcas siglares dispersas – visíveis sobretudo nos dois arcos da margem direita, hoje implantados em terra seca.

Protegem a ponte a montante oito talhamares de recorte triangular e o número correspondente de contrafortes a jusante, de formato trapezoidal, destacando-se, pela

*Perspetiva da ponte a montante*





*Silhares siglados no  
intradorso do primeiro  
arco da margem direita*

*Varandim com armas e inscrições comemorativas da reconstrução da ponte*



altura superior à dos restantes, os dois que amparam os pegões a cada lado do arco central.

A extensão do tabuleiro, medida entre os arranques das guardas em cada margem, é de cerca de 140 m, sendo a bitola do mesmo, medida entre as mesmas guardas, de cerca de 4 m de largo. O tabuleiro, com passeios, é pavimentado a asfalto e delimitado pelas referidas guardas de metal. No ponto central a ponte eleva-se a cerca de 5 m sobre a corrente do rio.

A Ponte do Prado constituía, juntamente com as pontes de Barcelos e do Porto, uma das três grandes travessias pétreas sob o rio Cávado já existentes no início da época moderna e com provável fundação anterior. Assim o confirma a memorialística, nomeadamente a narrativa de viagem e as primeiras corografias do século XVI, como referiu e sistematizou C. A. Ferreira de Almeida, em 1968.

Vários foram, pois, os viandantes que utilizaram esta travessia nas suas jornadas pelo norte de Portugal, tendo um deles, o barão alemão Leon de Rosmithal, deixado, em 1466, a seguinte impressão: "ponte de pedra não muito grande". Esta apreciação, que deverá ser tida em conta no contexto da vida e das jornadas do barão Rosmithal, certamente conhecedor de outras travessias na Europa, serve pelo menos para comprovar a existência de uma travessia segura, naquele lugar do Prado, em finais da Idade Média.

A antiguidade ou, pelo menos, a genealogia desta ponte foi sistematizada pelo referido historiador das vias medievais, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que aventou a ideia de uma travessia com origem na romanidade, ainda que então refira (à época do seu trabalho) que nada lhe garantia a existência anterior de outra ponte, acrescentando: "a passagem poderia ser feita em vau, sistema muito utilizado pelos romanos". Não hesita, porém, em fazer passar por Prado o traçado da via de *Bracara Augusta* a *Tuada* (Tui), hipótese corroborada por vários autores antes e depois dele. De facto, embora C. A. Ferreira de Almeida aluda ao contributo do memorialista Jerónimo Contador de Argote para a reconstituição da rede viária romana no Minho, não indica a referência que este dedica à "coluna quebrada" que, pouco antes de 1734, havia aparecido "a pouca distancia" da vila de Prado. Transcrevendo parte da inscrição legível dessa coluna, concluiu: "Este padrão sem dúvida era medida de caminho da estrada, que pela Ponte do Prado hia a Ponte de Lima [...]".

A persistência do uso do itinerário romano, ligando a importante cidade medieval de Braga ao norte da Península, terá levado ou à reconstrução ou à construção nova de uma travessia, ao que parece mencionada em 1176 num documento citado por Alberto Feio, muito embora a referência à "ponte catavi" feita a partir da cidade possa

Gravura representando a Ponte do Prado reproduzida no *Archivo Pittresco* de 1868 (vol. 5, p. 176)



referir-se a outra travessia, nomeadamente à do Porto, a montante da ponte do Prado.

Todavia, o quadro administrativo medieval quer político, quer religioso do território em torno da cidade episcopal constituem o móbil principal para um investimento em travessias, como vemos acontecer com a ponte da Lagoncinha, a cuja fundação o bispo do Porto D. Fernando Martins (1176-1185) deixou, em testamento, certos legados. As pontes serviam, então, mais do que a circulação de pessoas e bens numa ótica mercantilista, o avanço da jurisdição sobre domínios, senhoriais e eclesiásticos, assim como providenciar a administração célere de um reino em construção.

Morfologicamente, a ponte do Prado evidencia características comuns às pontes medievais, nomeadamente o tabuleiro em ligeira pendente, a irregularidade na forma e disposição dos vãos, a que acresce a multiplicidade de marcas siglares que pode evidenciar longos tempos de edificação com recursos a vários artífices. As siglas documentam, aliás, atividade construtiva até aos séculos XIV-XV.

Contudo, é já da época moderna que possuímos os registos mais exatos. Quer o padre Carvalho da Costa, na sua *Corografia Portuguesa*, quer Francisco Xavier Leite Frágoa, abade de S. Miguel de Soutelo, em 1758, indicam um grande conserto que a ponte do Prado terá sofrido no século XVII e para o qual veio a pedra de uma certa torre dos Mouros, no couto de Moure. O autor do artigo *Prado*, na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira refere que foi nesta reconstrução (que indica no século XVIII) que apareceu um marco miliário, mas sem indicar a fonte de

tal informação. De qualquer forma, o referido conserto ou reconstrução ocorreu por volta de 1616, como assinala uma das inscrições sobre uma banca de pedra no varandim aberto a meio do tabuleiro, voltado a jusante: ESTA OBRA FES ANTONIO DE CASTRO DE A VILA DE VIANA 1616 – inscrição que emoldura as armas do reino –. Na banca oposta, simétrica, novo elemento heráldico e nova inscrição ajudam a compreender o tempo e o propósito de tal edificação: ENCOANTO TIVERES DIAS MIRA POR TI SÊ PRVDENTE. ASI COMO PAGA LA PONTE SE PAGA LA VIDA BREVEMENTE. Trata-se de um emblema associado às armas dos Condes do Prado (esquartelado: o I e IV com cinco escudetes em cruz, cada um carregado de cinco besantes; o II e III leão armado e linguado), mais concretamente à vida de D. Luís de Sousa, 2.º Conde do Prado, a quem Filipe III fez, em 1630, mercê da vila onde se implanta a ponte, cuja reparação poderá ter sido custeada pelo nobre e militar que serviu na Flandres e no Brasil.

Se a ruína, no século XVII, pode ter-se devido às fortes correntes do arrebatado Cávado, foi no contexto da guerra civil liberal que sofreu as maiores agressões, nomeadamente em 1827, quando foi cortada pelos miguelistas.

Foi classificada como Monumento Nacional por Decreto 16-06-1910, DG nº 136, de 23 junho de 1910.

Texto: NR - Fotos: NR

### Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1968, I, p. 198; ARGOTE, J.C., 1732, I, p. 569; COSTA, A.C., 1706-12, p. 187; FEIO, A., 1984, p. 87; GEPIB, 1935-60, XXIII, p. 15; MEM. PAROQ. 1758 (2003), p. 558.